

Kupfer 733 dt 20062025

De Gutenberg à IA

Von Gutenberg bis zur KI

Kupfer 733 port 20062025

De Gutenberg à IA

Quando Johannes Gutenberg tornou possível o uso de tipos móveis para imprimir livros em Mainz por volta de 1450, ele desencadeou uma revolução na mídia. Até então, os escritos, especialmente a Bíblia, eram produzidos por escrevedores e copistas. De repente, sua atividade foi ameaçada.

Johannes Fust, um dos primeiros investidores no projeto de Gutenberg, foi um dos primeiros a se convencer desse novo desenvolvimento, ele levou várias dessas Bíblias recém-impressas com ele para Paris e tinha certeza de que despertaria entusiasmo com esse novo produto. Ele esperava que seminários monásticos, estudiosos e ordens religiosas estivessem dispostos a adquirir essas Bíblias primorosamente produzidas. Mas a resposta não foi assim, assustado pela tradicional guilda de escrevedores, que acreditavam em um milagre diabólico, porque não podiam imaginar que uma mão humana pudesse ter escrito uma Bíblia com tanta perfeição e precisão, Fust foi ameaçado de feitiçaria e fugiu de Paris.

Nos anos e décadas seguintes, as guildas dos escrevedores se moveram para condenar e destruir essas novas coisas do diabo. Onde quer que uma impressora fosse instalada, ela corria o risco de ser destruída. Na Itália, as autoridades também agiram e proibiram a instalação dessas máquinas demoníacas. Hoje sabemos e é reconhecido que se tratou da invenção mais importante em dois milênios.

Se agora lidamos com a inteligência artificial, enfrentamos um desafio semelhante. O que faz um ser humano e o distingue de todos os outros seres vivos é seu pensamento e sua articulação desses pensamentos: a linguagem. E é justamente essa singularidade que tem sido feita cada vez mais, e acima de tudo melhor e mais perfeitamente pelas máquinas eletrônicas há algum tempo. Ainda vemos uma certa limitação da IA hoje, pois ela repete o que seus operadores humanos lhe dão em termos de algoritmos. Quando fazemos uma pergunta, o resultado é um texto monótono que é composto por uma coleção de dados e informações inseridas. Mas este sistema há muito que ganhar vida própria e está constantemente a melhorar de tal forma que as perguntas e consultas repetíveis são respondidas imediata e satisfatoriamente. Isso dá origem à síndrome de Gutenberg novamente: há desvalorizações críticas e, muito simplesmente, o medo de que você possa ser substituído por elas. Se não lidarmos com isso e aprendermos o sistema, nos sentiremos semelhantes aos escritores do século XV, porque a IA é provavelmente a maior conquista do terceiro milênio.

Kupfer 733 dt 20062025

Von Gutenberg bis zur KI

Als Johannes Gutenberg in Mainz um 1450 die Verwendung von beweglichen Lettern zum Druck von Büchern ermöglichte, löste er eine Medienrevolution aus. Bis dahin wurden Schriftstücke, besonders die Bibel, von Schreibern und Kopierern hergestellt. Mit einem mal war deren Tätigkeit bedroht.

Johannes Fust, ein früher Investor von Gutenbergs Projekt war einer der ersten, der von dieser neuen Entwicklung überzeugt war, er nahm eine Anzahl dieser frisch gedruckten Bibeln mit nach Paris und war sich sicher dass er mit diesem neuen Produkt Begeisterung erwecken würde. Er hoffte, dass Klosterseminare, Gelehrte und religiöse Orden bereit wären diese exquisit hergestellten Bibeln zu erwerben. Doch die Resonanz war nicht so, aufgeschreckt von der traditionellen Zunft der Schreiber, die an ein teuflisches Wunderwerk glaubten, denn sie konnten sich nicht vorstellen, dass eine Menschenhand eine Bibel so perfekt und akkurat hätte schreiben können, wurde Fust der Hexerei bedroht und floh aus Paris.

In den nächsten Jahren und Jahrzehnten, bewegten sich die Schreibergilden um dieses neue Teufelszeug zu verdammen und zu vernichten. Wo immer eine Buchdruckpresse eingerichtet wurde, lief sie Gefahr zerstört zu werden. In Italien wurden auch die Behörden aktiv und erliessen ein Verbot der Installierung dieser Teufelsmaschinen. Heute wissen wir und wird anerkannt, dass es sich um die bedeutendste Erfindung in zwei Jahrtausenden handelte.

Wenn wir uns nun mit der künstlichen Intelligenz beschäftigen, stehen wir vor einer ähnlichen Herausforderung. Das was den Menschen ausmacht und ihn von allen anderen Lebewesen unterscheidet, ist sein Denken und seine Artikulation dieser Gedanken: die Sprache. Und genau diese Einmaligkeit wird nun seit einiger Zeit mehr und mehr, und vor allem immer besser und perfekter von elektronischen Maschinen erledigt. Wir erkennen heute noch einige gewisse Beschränkung der KI, da sie letztlich das nachplappert, was ihre humanen Operatoren ihr an Algorithmen eingeben. Wenn wir eine Frage stellen, kommt ein monotoner Text heraus, der sich aus einer Ansammlung von eingegebenen Daten und Informationen zusammensetzt. Aber längst hat sich dieses System verselbstständigt und verbessert sich ständig in einer Art und Weise, dass wiederholbare Anfragen und Konsultationen umgehend befriedigend beantwortet werden. Dadurch entsteht wieder das Gutenberg-Syndrom: es gibt kritische Abwertungen und ganz einfach die Angst, dass man dadurch ersetzt werden könnte. Wenn wir uns damit nicht beschäftigen und das System erlernen, wird es uns ähnlich gehen wie den Schreibern im 15. Jahrhundert, denn wahrscheinlich handelt es sich bei KI um die grösste Errungenschaft des dritten Jahrtausends.